

Importações de origem chinesa em alta: aspectos relevantes para a economia brasileira

- ▶ Recentemente, vem ganhando destaque a alta de importações de produtos chineses pelo Brasil. Neste estudo, buscamos descrever como tem se dado esse aumento, em termos de volume e preços, bem como em termos setoriais.
- ▶ A alta vem ocorrendo por aumento de volume (quantum), apesar de queda concomitante de preços em muitos casos. Os setores cujos produtos mais comumente experimentaram aumento de volume importado e/ou queda de preços foram: produtos químicos, metais semi-acabados, plásticos e borrachas, têxtil e automotivo.
- ▶ Na indústria local, há sinais de queda de preços de insumos e desinflação de bens industriais, além de redução da utilização da capacidade, em setores em que houve aumento das importações chinesas.
- ▶ O aumento das exportações chinesas vem gerando reações em diversos países, como aumento de tarifas e barreiras não-alfandegárias. No Brasil, medidas similares tendem a ser ainda mais custosas do que em outras regiões, dada a relevância da China em nossa pauta de exportações.
- ▶ Entendemos que a situação provocada pelo aumento recente das importações chinesas reforça a necessidade de promover agendas que visem melhorar o ambiente de negócios doméstico, a partir de reformas estruturantes, como simplificação tributária (cuja reforma recente foi um passo importante), redução da burocracia, melhoria da infraestrutura, além de garantir uma estabilidade macroeconômica duradoura.

1. O contexto: a economia chinesa em duas velocidades

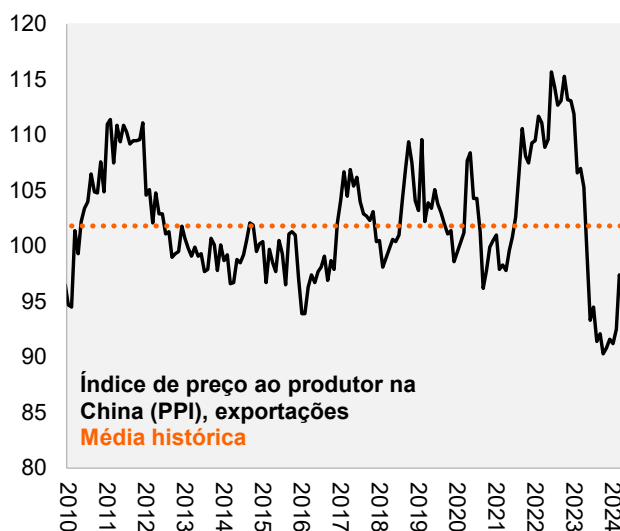
A dinâmica da economia chinesa não é mais a mesma da década passada. A crise estrutural no setor imobiliário, a demografia desfavorável e o cenário geopolítico conturbado estão impactando as perspectivas de crescimento, bem como a sua composição. Taxas de crescimento de dois dígitos, não há muito bastante comuns, não são mais esperadas adiante – projetamos crescimento de 4,8% para a China neste ano e 4,5% no próximo.

Em resposta a esta desaceleração, a orientação das políticas econômicas recentes tem sido estimular, entre outros setores, a indústria de transformação, com foco nas exportações. Em estudo recente publicado [aqui](#), mostramos que a China exibe uma economia que gira em duas velocidades diferentes desde 2021, com fraqueza no setor imobiliário e desempenho moderado do consumo, mas com melhor performance no setor de infraestrutura e excesso de capacidade na manufatura. Este último aspecto vem resultando em queda de preços de exportação, como retratado abaixo pelos preços de exportação ao produtor da China (PPI Expo).

Durante a Terceira Plenária do Comitê Central do Partido Comunista da China, realizada entre 15 e 18 de julho de 2024, as autoridades reforçaram o apoio às “cadeias de abastecimento” e às inovações tecnológicas. Nesta plenária, que ocorre a cada 5 anos, foram anunciadas cerca de 300 medidas, com foco no “desenvolvimento de alta qualidade” e “novas forças produtivas”. Portanto, tudo indica que o modelo de crescimento liderado pela manufatura, em que o excesso de produção é direcionado a exportações, deve perdurar.

Neste estudo, buscamos analisar diversos aspectos da elevação das importações de origem chinesa para a economia brasileira. Embora haja também aspectos relevantes ligados a exportações brasileiras para a China, especialmente em um contexto de mudanças geopolíticas importantes, este não é o objeto desse trabalho, cujo foco é analisar as importações vindas da China.

Evolução do índice de preços ao produtor na China – exportação (China PPI Expo)



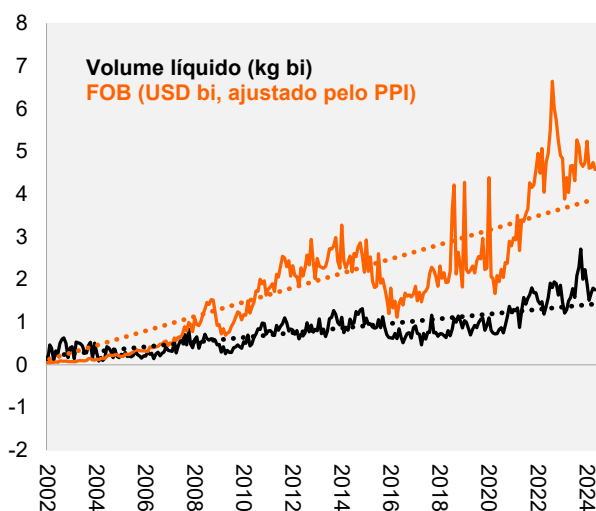
Fonte: BBG, Itaú

2. Perfil das importações vindas da China: como (e em quais setores) se deu o aumento?

O aumento das importações da China pelo Brasil está ocorrendo por aumento de volume (quantum), apesar de uma queda concomitante de preços em muitos casos. Os dados de comércio exterior (Comex) mostram que os valores importados encontram-se acima da tendência histórica, o que ocorre pelo aumento de volume importado, já que preços médios (ajustados pelo PPI americano no mesmo período) têm ficado abaixo da tendência histórica recentemente.

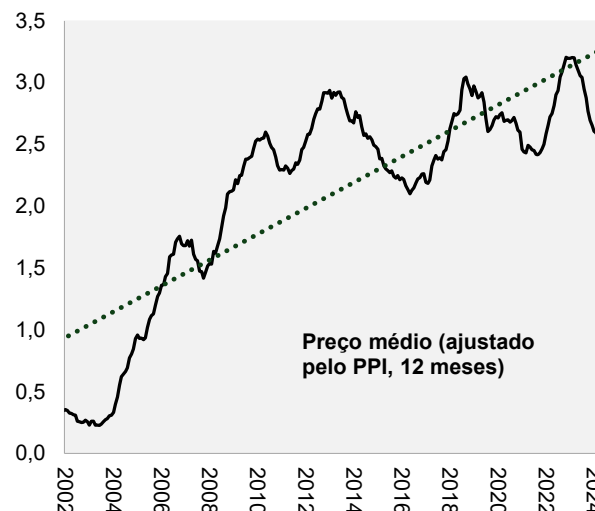
Evolução das importações brasileiras de produtos de origem chinesa

Volume e total (FOB)



Fonte: MDIC, Itaú

Preço médio



Fonte: MDIC, Itaú

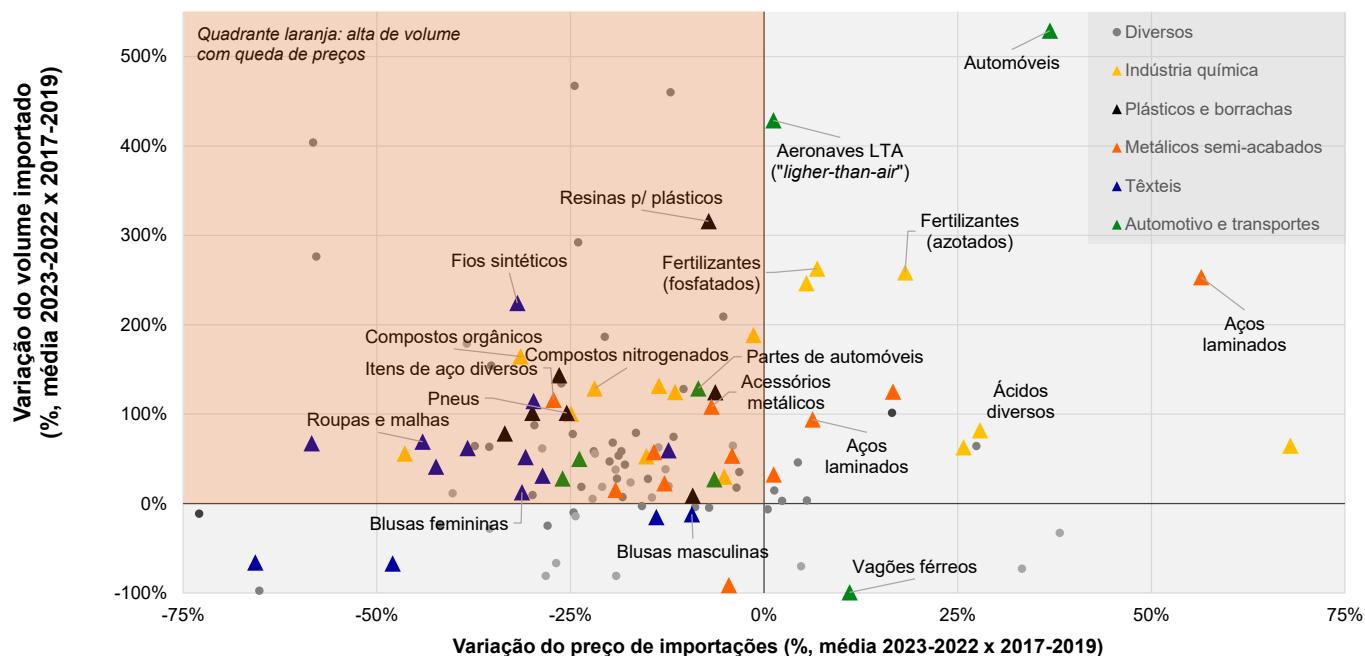
O aumento de volume com queda de preços se deu na maior parte dos itens. No gráfico de dispersão abaixo, mostra-se a variação dos preços e volume de importação entre os períodos pré- e pós-pandemia (média 2023-2022 vs. média 2017-2019, ajustado pelo PPI americano) para diversos itens relevantes na pauta de importações¹ (em torno de 230 itens selecionados, que representam cerca de 75% das importações da China).

¹ Utilizamos a classificação via NCMs de cada item, até 4 dígitos (SH4).

Os setores que mais comumente experimentaram aumento de volume importado e queda de preços foram: produtos químicos, metais semi-acabados (como aços longos e planos, e seus produtos), plásticos e borrachas, têxtil e automotivo.

Parte relevante dos itens importados da China registrou aumento de quantidade e queda de preços

Var. quantidade X preço da pauta de importações Brasil x China, principais itens (230 itens, 75% da pauta de importações), ajustado pelo PPI US



Fonte: MDIC, Itaú

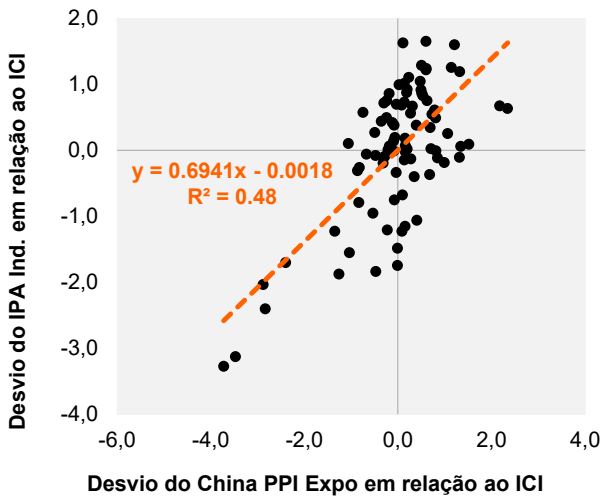
3. Impacto nos preços de bens industriais no Brasil – está havendo repasse?

A entrada de manufaturados chineses com preços menores no Brasil pode contribuir para uma menor inflação de bens industriais, uma vez que muitos desses produtos são bens intermediários. Essa relação, no entanto, não é direta, dependendo também da evolução dos preços das commodities e do câmbio.

Uma parte relevante da desinflação de bens industriais no Brasil, tanto ao produtor quanto ao consumidor, se deu não apenas pela redução recente dos preços de commodities, mas também devido a menores preços de importações da China. Construímos séries de preços de bens industriais no Brasil (IPA-Indústria de transformação) e de preços de exportação ao produtor da China (PPI Expo) ajustadas para preços de commodities em reais. Este ajuste é realizado subtraindo das séries originais a variação dos preços de commodities em reais (medida pelo indicador ICI, do Itaú) no período.

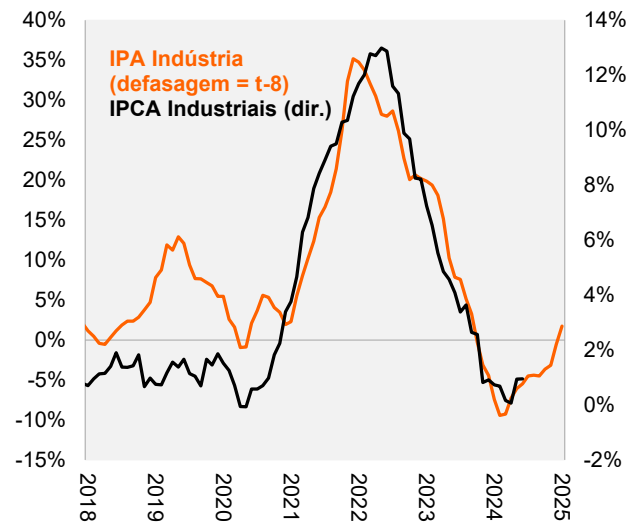
O gráfico de dispersão abaixo a esquerda indica que há correlação entre os desvios do PPI Expo e do IPA-Indústria em relação aos preços de commodities. Além disso, a variação do IPA-Indústria também se reflete em variação nos preços de bens ao consumidor (IPCA-Industriais), ainda que com uma defasagem média de 8 meses.

Índice de preços ao produtor na China (exportações) e IPA-Indústria, desvio c/ relação ao ICI (commodities), 2016-2024



Fonte: FGV, MDIC, Itaú

IPA-Indústria de transformação vs. IPCA-Industriais

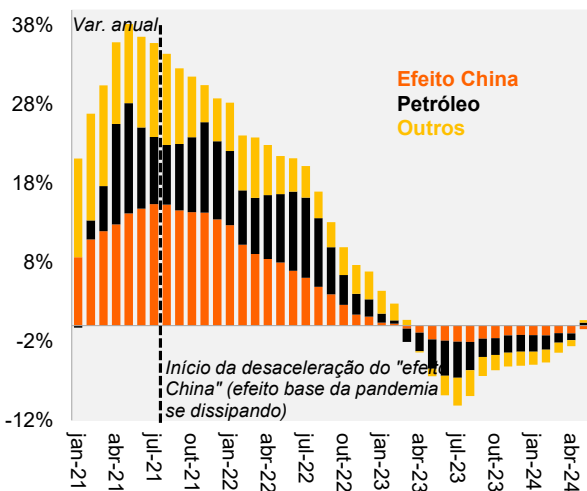


Fonte: FGV, IBGE, Itaú

A desaceleração recente do IPA-Indústria teve especial influência de setores que experimentaram aumento de volume e queda de preços de importações chinesas. Consideramos três agrupamentos: (1) grupo “efeito China” – setores destacados acima por terem tido queda de preço e aumento de volume de importação: têxteis, indústria química, plásticos e borrachas, metalurgia e automotivo; (2) petróleo – uma vez que esta commodity e seus derivados têm peso relevante na composição de preços industriais; e (3) outros – demais setores. A desaceleração ocorre a partir de 2021, após o início da normalização da pandemia e dissipação do efeito-base do período, chegando em território negativo no início de 2023 (gráfico à esquerda).

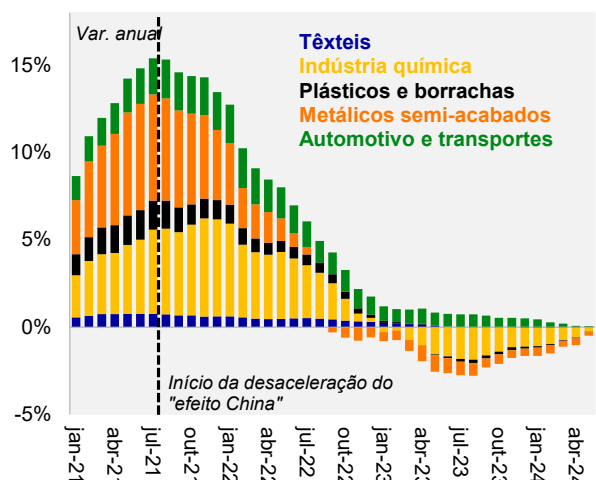
A desaceleração recente de preços industriais fica particularmente evidente nas indústrias química e metalúrgica.

Contribuição para o IPA-Indústria, por fator



Fonte: FGV, Itaú

Contribuição para o “efeito China”, por setor



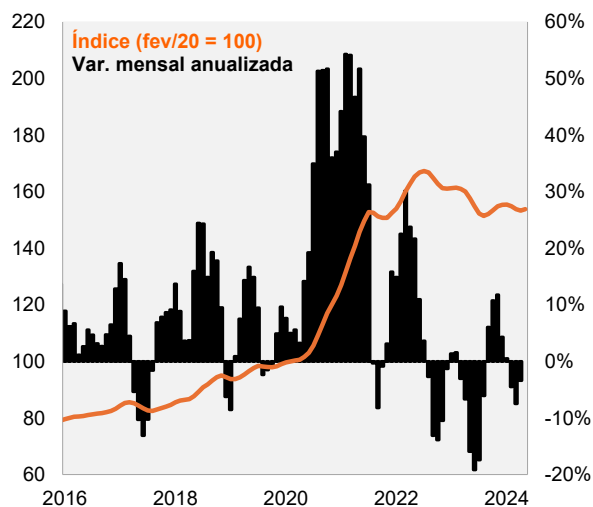
Fonte: FGV, Itaú

A maior parte dos preços de bens industriais passou a ter uma queda mensal mais relevante a partir de 2022-2023. Em termos de nível (índice) de preços, embora nenhum setor tenha devolvido toda a alta observada durante a pandemia, houve quedas relevantes em relação aos seus picos recentes.

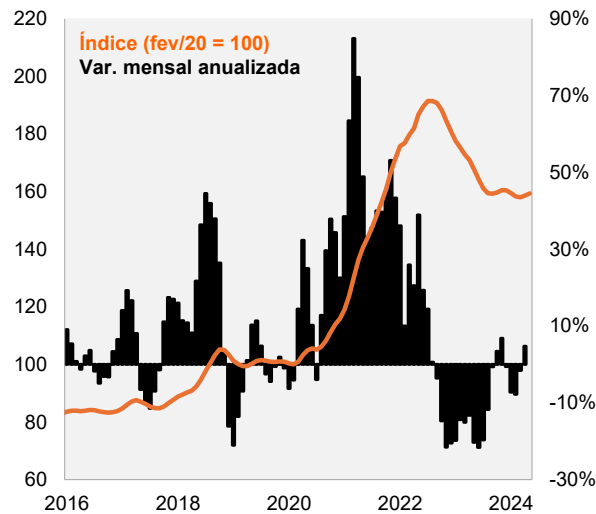
Varição mensal e índices do IPA-Indústria de transformação, por setor

Média móvel de 3 meses; fonte: FGV, Itaú.

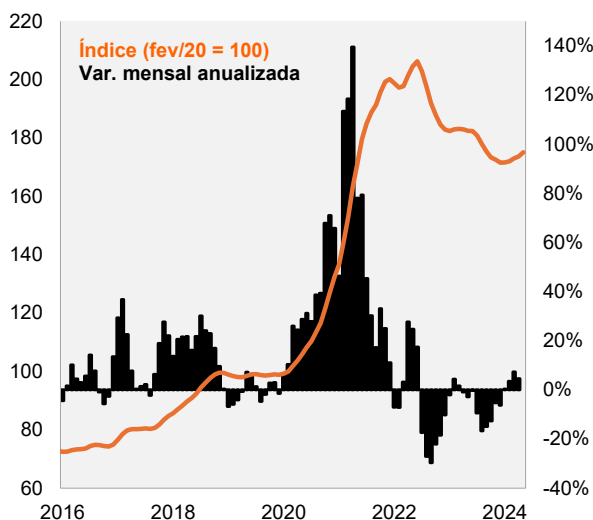
IPA - Indústria de transformação



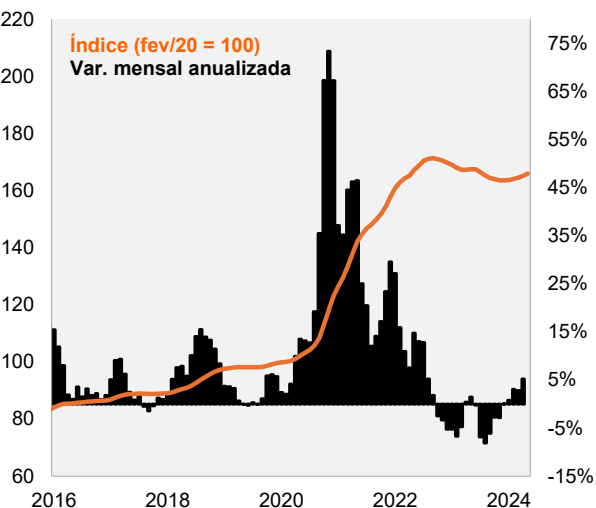
Produtos químicos



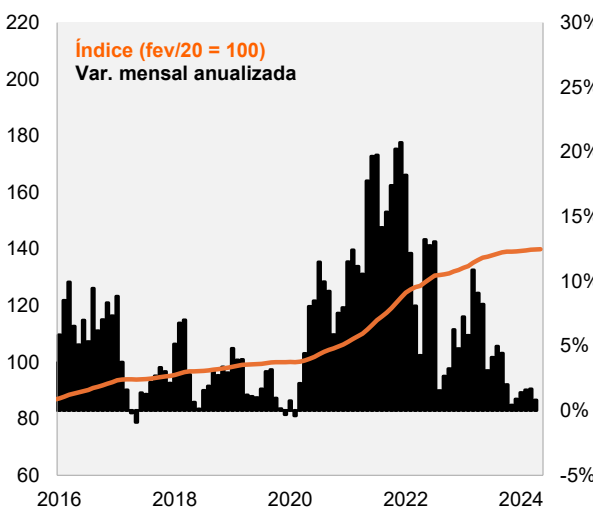
Metalurgia básica



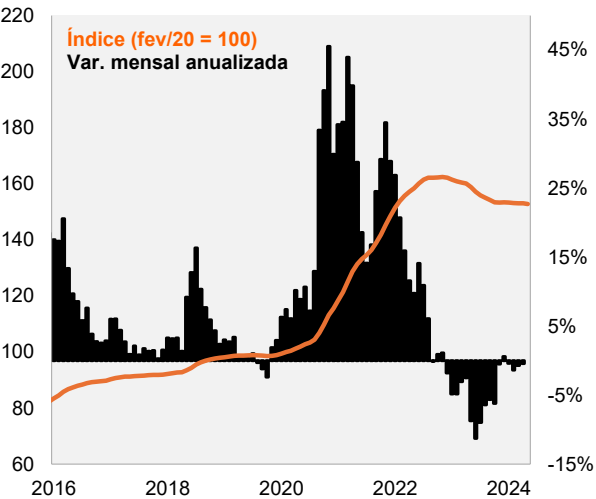
Artigos de borracha e plástico



Automotivos



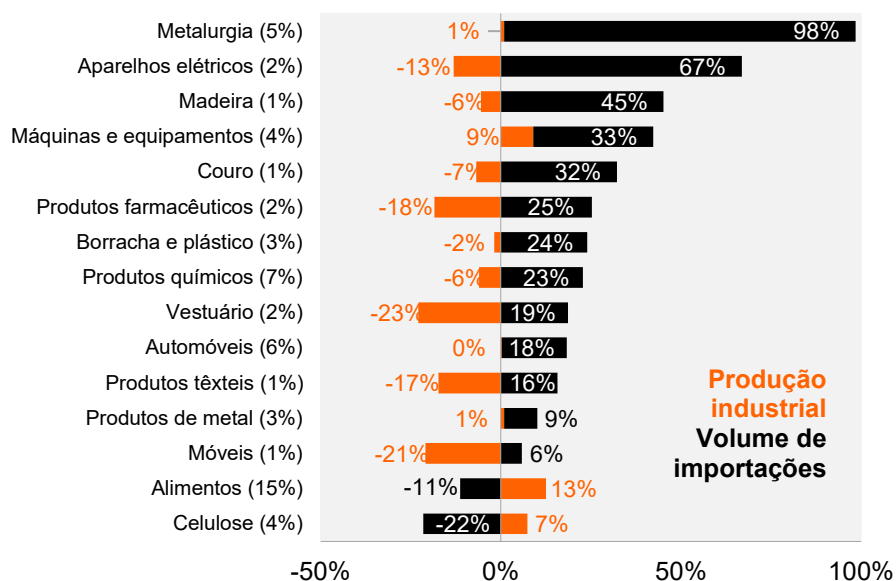
Produtos têxteis



4. Efeitos sobre a produção industrial brasileira

Analisando a dinâmica recente de setores industriais brasileiros, não há uma relação clara entre a magnitude do aumento de importações chinesas e a produção local. Embora para a maioria dos casos em que houve aumento do volume importado tenha ocorrido queda da produção industrial no período entre 2023 e 2019, as elasticidades são muito distintas entre setores. Isto pode ser visto no gráfico abaixo, em que comparamos a produção industrial e o volume de importações a partir de uma compatibilização de bases setoriais da Comex (balança comercial) e IBGE (PIM-BR).

Var. da produção industrial vs. volume de importações entre 2023 e 2019, por setor



*Peso na produção total entre parênteses

Fonte: MDIC, IBGE, Itaú

Adicionalmente, como discutido na seção anterior, a queda de preços de importados tende a diminuir custos de produção, além de tornar mais acessíveis itens que não tenham produção nacional. No entanto, a tarefa de identificar quais produtos importados não tem produção nacional não é trivial, dada a capilaridade de produtos da indústria brasileira².

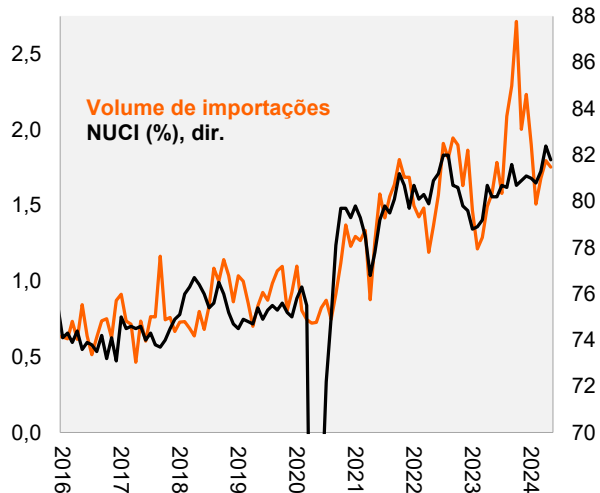
O papel complementar das importações chinesas pode ser rastreado a partir da correlação entre o volume importado e o nível de utilização da capacidade (NUCI) dos setores. Os gráficos e tabela abaixo mostram que tipicamente há correlação positiva entre volumes de importação e a NUCI dos setores, indicando o papel complementar dos insumos chineses para a produção local. No entanto, fica evidente que alguns setores – novamente, metalúrgico, têxtil, além de bens de capital – parecem ter perdido esta relação histórica e registrado aumento de capacidade ociosa no período de aumento das importações, um sinal de baixa competitividade dos produtos locais em relação aos importados.

² O nível de granularidade também impacta a compatibilização das bases de dados. No Brasil, as bases de produção industrial por produto, derivadas a partir da Pesquisa Industrial Anual – Produtos (PIA-Produtos) utilizam as PRODLISTS, enquanto as bases de comércio exterior utilizam nomenclaturas diversas, como NCM (SH2-SH6). Quanto mais granular a análise, maior o custo operacional de compatibilizá-las. Assim, considerando que o impacto macroeconômico é o foco deste estudo, nos limitamos a analisar grandes setores.

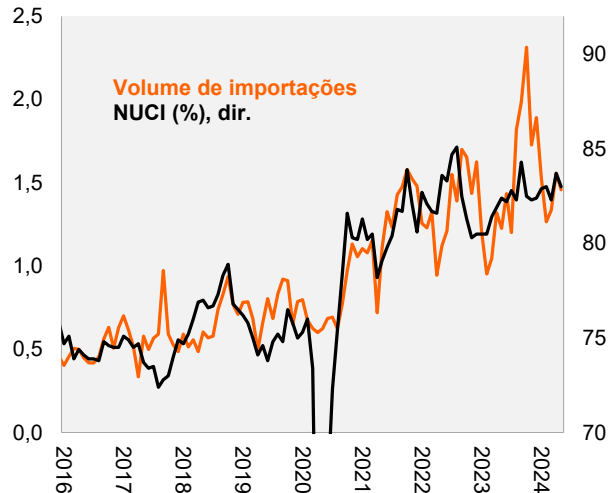
Volume de importações (milhões de toneladas) vs NUCI (%), por setor

Fonte: MDIC, FGV, Itaú

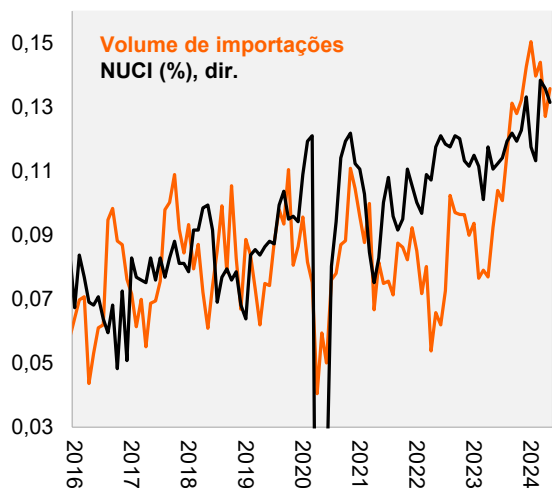
Indústria de transformação



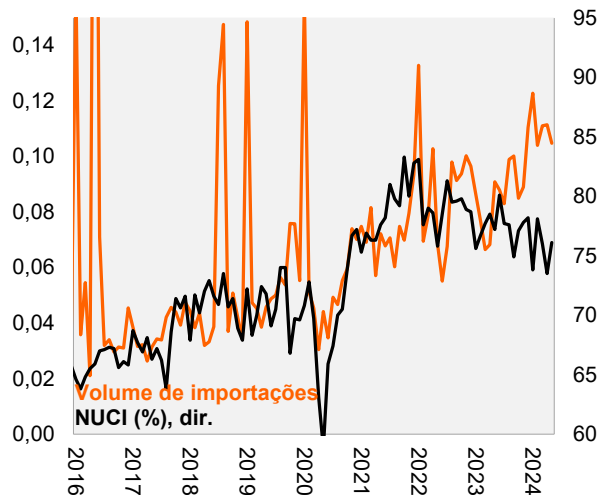
Bens intermediários



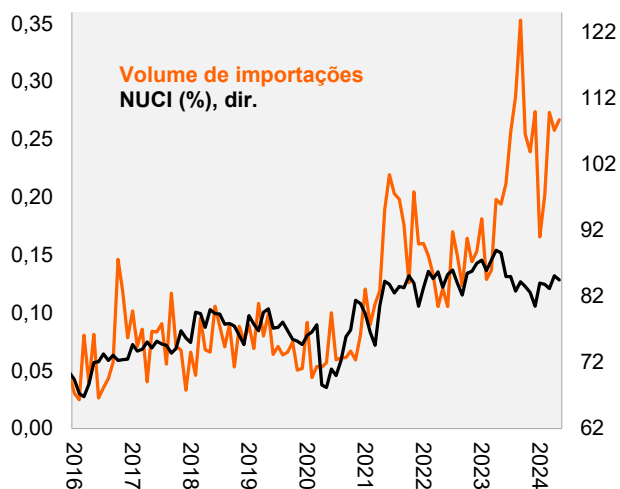
Bens de consumo



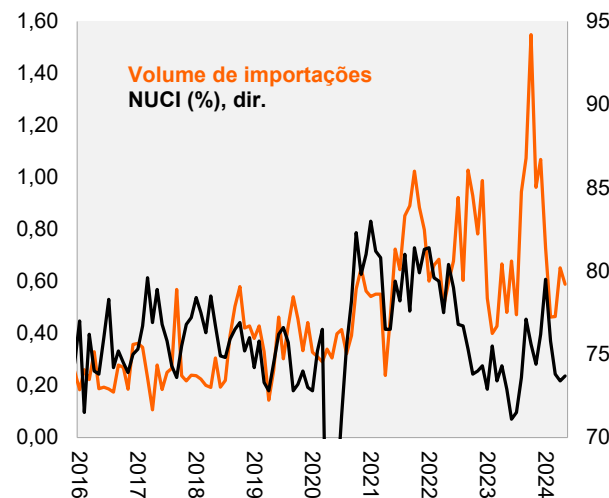
Bens de capital



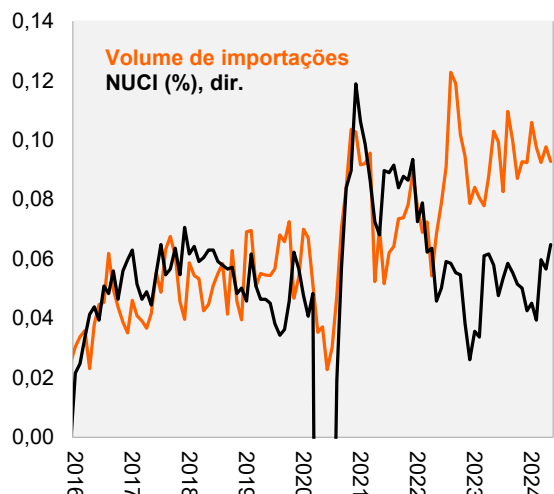
Metalurgia



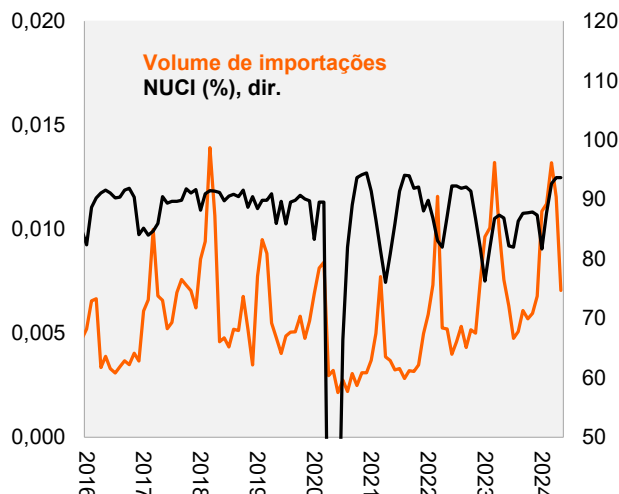
Químicos



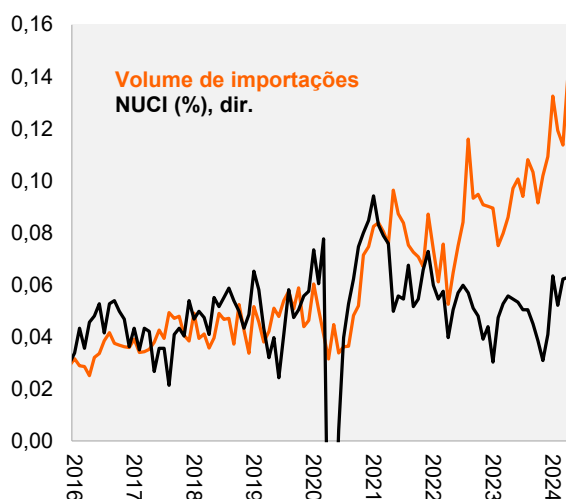
Têxteis



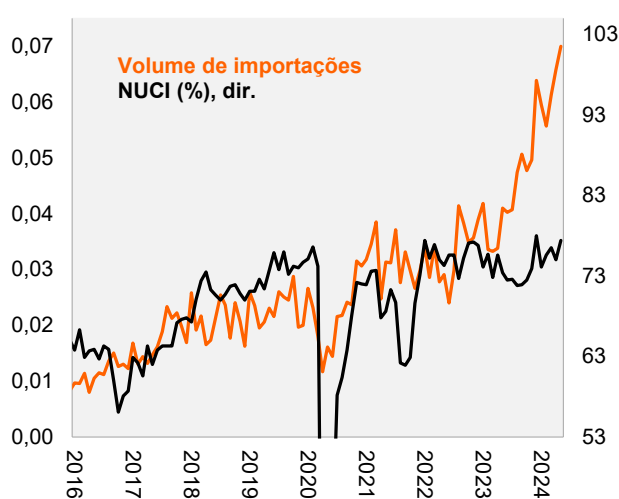
Vestuário



Borracha e plástico



Automotivos



Correlação histórica entre volume de importações e nível de utilização da capacidade na indústria, por setor

	Indústria de transformação	Bens intermediários	Bens de consumo	Bens de capital	Metalurgia	Químicos	Borracha e plástico	Têxteis	Vestuário	Automóveis
Todo o período (2014-2024)	0.30	0.42	0.59	0.20	0.43	-0.23	-0.14	0.15	0.17	0.26
2016-2019	0.29	0.38	0.17	-0.02	0.25	-0.23	0.20	0.20	-0.02	0.70
2022-2024	0.45	0.22	0.63	-0.08	-0.33	0.05	0.27	-0.10	-0.17	0.04

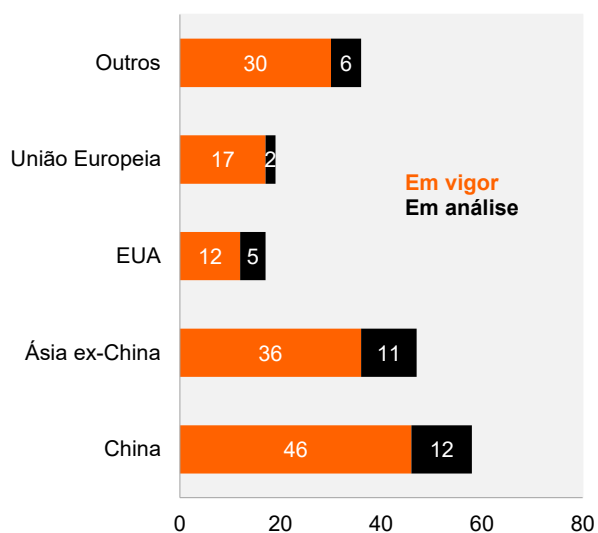
Fonte: MDIC, FGV, Itaú

5. O caminho à frente: aumento de competitividade como solução

O aumento das exportações de produtos chineses vem gerando reações em diversos países, como aumento de tarifas e barreiras não-alfandegárias. Os Estados Unidos anunciaram tarifas sobre produtos chineses como veículos elétricos (100% de tarifa), semi-condutores (50%) e células fotovoltaicas (50%). A União Europeia também o fez no caso dos veículos elétricos (variando de 18% a 36%). O governo brasileiro adotou recentemente uma cota de importação para produtos de aço, mas apenas para alguns itens específicos, além de um imposto sobre plataformas de varejo para importações de pequeno valor.

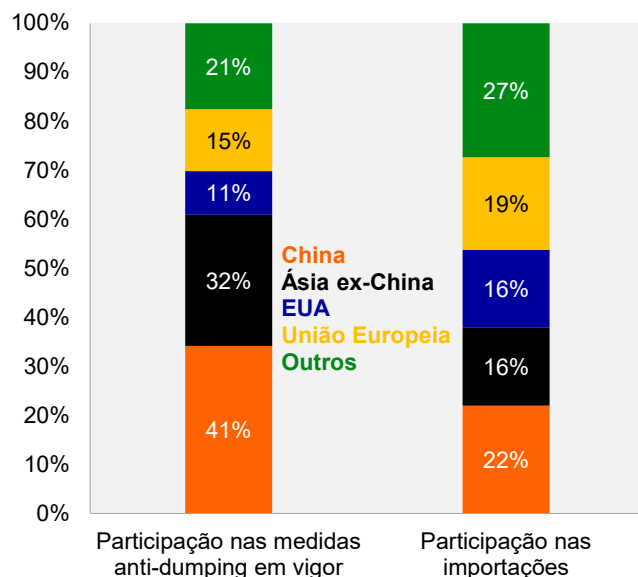
No Brasil, alternativas às tarifas, como ações unilaterais na OMC, vêm sendo utilizadas há bastante tempo. Nos gráficos abaixo, apresentamos os números de medidas “anti-dumping” no Brasil por parceiro comercial. Naturalmente, a China, sendo a principal origem de nossas importações, também tem uma participação maior em tais medidas. Ainda assim, há mais ações em vigor do que sugere a participação na pauta de importações no caso da China e Ásia em geral.

Número de medidas anti-dumping no Brasil, por país, até mar/2024



Fonte: Itaú

China é “super-representada” nas medidas anti-dumping



Fonte: MDIC, Itaú

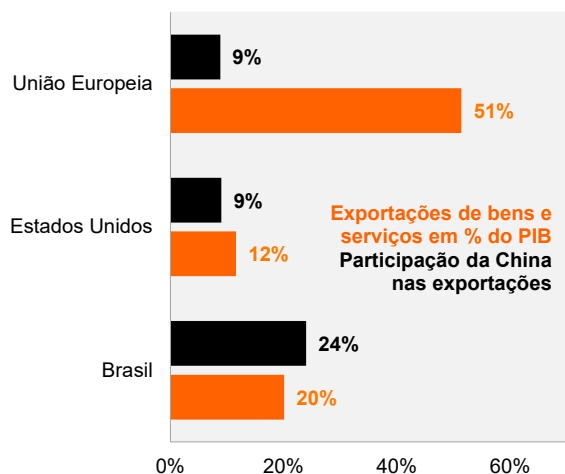
Número de medidas anti-dumping no Brasil vs. China, por setor (até mar/2024)		
Setor	Em vigor	Em análise
Metalurgia	15	5
Pneus	5	-
Químicos e resinas	7	2
Material para casa e escritório	10	2
Têxteis	3	1
Outros	6	2
Total	46	12

Fonte: Itaú

Cabe destacar que a adoção de barreiras comerciais tende a ser mais custosa para o Brasil do que para outras economias. A China é a principal parceira comercial do Brasil e absorve um percentual importante de nosso produto (gráficos abaixo), tornando estratégias protecionistas ainda menos atraentes do que o usual. Além disso, o Brasil parte de um ponto inicial de baixo grau de abertura comercial, que já impõe custos relevantes para a economia local.

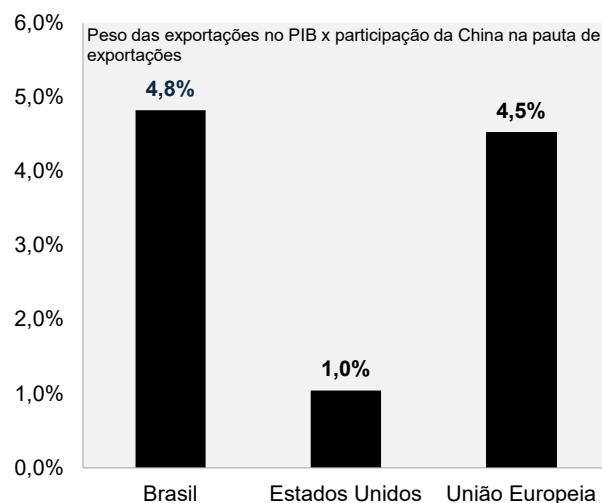
Como visto acima, a penetração de produtos chineses tem contribuído de forma relevante para conter a inflação de produtos industrializados no país. Assim sendo, medidas protecionistas tendem a ter impacto inflacionário, erodindo o poder de compra da população.

Peso da China na pauta de exportações é maior no Brasil, fato que ganha relevância considerando nosso menor grau de abertura comercial



Fonte: Banco Mundial, MDIC, Itaú

Proporcionalmente, importações chinesas também possuem maior participação no PIB brasileiro



Fonte: Banco Mundial, MDIC, Itaú

Entendemos que a situação provocada pelo aumento recente das importações chinesas reforça a necessidade de promover agendas que visem melhorar o ambiente de negócios doméstico, a partir de reformas estruturantes, como simplificação tributária (cujas reformas recentes foram um passo importante), redução da burocracia, melhoria da infraestrutura, além de garantir uma estabilidade macroeconômica duradoura. Protecionismo provavelmente teria efeitos negativos, favorecendo alguns setores em detrimento da população em geral.

Igor Barreto Rose
Fernando M. Gonçalves

Pesquisa macroeconômica – Itaú
Mario Mesquita – Economista-Chefe

Para acessar nossas publicações e projeções visite nosso site:
<https://www.itaubba-pt/analises-economicas>

Informações Relevantes

1. Este relatório foi desenvolvido e publicado pelo Departamento de Pesquisa Macroeconômica do Itaú Unibanco S.A. ("Itaú Unibanco"). Este relatório não é um produto do Departamento de Análise de Ações do Itaú Unibanco ou da Itaú Corretora de Valores S.A. e não deve ser considerado um relatório de análise para os fins do artigo 1º da Instrução CVM n.º 20, de 2021.
2. Este relatório tem como objetivo único fornecer informações macroeconômicas e não constitui e nem deve ser interpretado como sendo uma oferta de compra e/ou venda ou como uma solicitação de uma oferta de compra e/ou venda de qualquer instrumento financeiro, ou de participação em uma determinada estratégia de negócios em qualquer jurisdição. As informações contidas neste relatório foram consideradas razoáveis na data em que o relatório foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. Entretanto, o Itaú Unibanco não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. O Itaú Unibanco não possui qualquer obrigação de atualizar, modificar ou alterar este relatório e informar o respectivo leitor.
3. As opiniões expressas neste relatório refletem única e exclusivamente as visões e opiniões pessoais do analista responsável pelo conteúdo deste material na data de sua divulgação e foram produzidas de forma independente e autônoma, inclusive em relação ao Itaú Unibanco, à Itaú Corretora de Valores S.A. e demais empresas do grupo econômico do Itaú Unibanco.
4. Este relatório não pode ser reproduzido ou redistribuído para qualquer outra pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento por escrito do Itaú Unibanco. Informações adicionais sobre os instrumentos financeiros discutidos neste relatório encontram-se disponíveis mediante solicitação. O Itaú Unibanco e/ou qualquer outra empresa de seu grupo econômico não se responsabiliza e tampouco se responsabilizará por quaisquer decisões, de investimento ou e outra, que forem tomadas com base nos dados aqui divulgados.

Observação Adicional: Este material não leva em consideração os objetivos, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer cliente em particular. Os clientes precisam obter aconselhamento financeiro, legal, contábil, econômico, de crédito e de mercado individualmente, com base em seus objetivos e características pessoais antes de tomar qualquer decisão fundamentada na informação aqui contida. Ao acessar este material, você declara e confirma que compreende os riscos relativos aos mercados abordados neste relatório e às leis em sua jurisdição referentes a provisão e venda de produtos de serviço financeiro. Você reconhece que este material contém informações proprietárias e concorda em manter esta informação somente para seu uso exclusivo.

SAC Itaú: Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias, fale com o SAC Itaú: 0800 728 0728. Ou entre em contato através do nosso portal <https://www.itaú.com.br/atendimento-itaú/para-voce/>. Caso não fique satisfeito com a solução apresentada, de posse do protocolo, contate a Ouvidoria Corporativa Itaú: 0800 570 0011 (em dias úteis das 9h às 18h) ou Caixa Postal 67.600, São Paulo-SP, CEP 03162-971. Deficientes auditivos, todos os dias, 24h, 0800 722 1722.